

**ESTUDOS CULTURAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS:
PROBLEMATIZANDO A PEDAGOGIA A PARTIR DE DESENHOS ANIMADOS**

**CULTURAL STUDIES IN THE TRAINING OF TEACHERS: PROBLEMATIZING
THE PEDAGOGY FROM CARTOONS**

**ESTUDIOS CULTURALES EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES /AS:
PROBLEMATIZANDO LA PEDAGOGÍA A PARTIR DE DIBUJOS ANIMADOS**

*Alice Copetti Dalmaso

**Angélica Neuscharank

Resumo: Estes escritos tratam de um recorte sobre algumas problematizações vivenciadas na disciplina de Ciências e Educação ministrada no curso de Licenciatura em Pedagogia. Trata-se de uma breve análise que procurou pensar diversas representações culturais existentes em desenhos animados, com futuros professores/as, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Esse campo de pensamento considera que aprender e produzir significado sobre as coisas do mundo não se limita ao espaço escolar, visto que artefatos culturais – tais como filmes, propagandas, músicas, pinturas, textos literários – ensinam coisas às crianças sem que tenham a mesma estrutura e intencionalidade da escola. De acordo com os Estudos Culturais da Educação em Ciência, esses artefatos, usados recorrentemente nas escolas, possuem um efeito educativo, ensinam sobre os conhecimentos em Ciências Naturais e, junto a eles, enunciam uma série de representações naturalizadas, as quais possuem efeitos sob a produção de subjetividades dos indivíduos. Entre rechaçar os desenhos animados (não os usar em sala de aula) e passá-los às crianças indiscriminadamente, existe um mundo de possibilidades. A lógica predominante na escola é a do uso desses materiais na perspectiva da complementação da informação, assim como estratégia de captura da atenção, imobilidade e confinamento extensivo do corpo. Por isso, consideramos significativo que os futuros professores/as se questionem sobre como podem adotar esses artefatos em suas aulas, visto que os mesmos constituem uma rede de significações que ‘discursam’ não somente sobre ciências, mas sobre modos de ser criança, mulher, homem, negro, gay, branco em nossa complexa e produtiva rede cultural.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino de ciências. Contexto cultural.

Introdução

Estes escritos visam compartilhar perspectivas de estudo e trabalho com futuros professores/as de Pedagogia dentro do campo dos Estudos Culturais. Enquanto formadoras, situamo-nos na necessidade de fazer passar um fluxo de ar pelas disciplinas acadêmicas que, visivelmente, não tem dado conta de pensar a “[...] grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado” (GIROUX, 2003, p.89). A cultura produzida historicamente dentro das universidades – tradicional e ocidentalizada – têm ignorado os múltiplos saberes, narrativas e vozes que formam o capital cultural de grupos e guetos que ocupam e atravessam, inclusive, o espaço acadêmico.

* Doutora em Educação (UFSM/RS). Professora Adjunta I do Departamento de Metodologia do Ensino (UFSM/RS). ORCID: 0000-0002-4447-0958.

** Doutora em Educação (UFSM/RS). Professora da Rede Municipal de Educação (Santa Maria/RS). E-mail: angelicaneuscharank@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-9958-7563.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.236-247., Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.5914

A perspectiva dos Estudos Culturais, trazida neste breve compartilhamento de experiência, entende que damos significados às coisas do mundo através da forma como as representamos e das diversas formas de linguagem que produzimos para dar a dizer e fazer ver essas representações. Ou seja, significados estão sendo constantemente produzidos em diversos lugares e práticas sociais (KINDEL, 2007), os quais são compartilhados dentro de uma cultura específica, produzindo as representações. Por sua vez, um sistema de linguagens será produzido em agenciamento - que podem ser sons, palavras escritas, imagens produzidas ou não eletronicamente, notas musicais e até objetos – como “ferramentas” que darão sentido a essas ‘coisas do mundo’, operacionalizando as mesmas no nosso cotidiano (WORTMANN, 2001).

Os significados que produzem as representações não são estáveis e fixos dentro de uma cultura: eles estão constantemente intercambiando dentro das relações sociais. Wortmann (2001, p. 157) define que o significado é:

[...] contestado e, às vezes, até severamente disputado, pois em qualquer cultura, em uma mesma época, há sempre diferentes circuitos de significação circulando. Isso me remete a ressaltar que a produção dos significados está sempre associada a lutas de poder - essa produção se inscreve em relações de poder - e é nesse processo que, se define, por exemplo, o que é ‘normal’ (ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, ou é dele excluído.

Se falamos em instâncias culturais que produzem diferentes sistemas de significação, associada a relações de poder, atentamos para o que se tem produzido no cinema, na publicidade, na pintura, fotografia, nos diferentes tipos de literatura, museus, laboratórios, e o que esses artefatos acionam em nós. É nesse sentido que os Estudos Culturais em Educação consideram que a aprendizagem de conteúdos das ciências e da biologia, por exemplo, não se limitam ao espaço escolar. A pedagogia, neste caso, é entendida de forma mais ampliada e numa rede mais complexa, visto que ‘conteúdos’ são veiculados em artefatos culturais, quais sejam: filmes, propagandas, novelas, músicas, pinturas, textos literários, sem que tenham a mesma estrutura e intencionalidade da escola. Entretanto, eles permeiam e atravessam o espaço escolar, social e cultural nos quais todos nós, professores/as e estudantes, estamos inseridos/as.

Pensar, aqui neste artigo, estes artefatos num contexto educacional infantil significa assumir que as crianças, portanto,

[...] não aprendem modos de ser homem, mulher, ou sobre o corpo, a vida e a natureza apenas na escola, como algumas correntes pedagógicas tanto enfatizam, pois o verdadeiro bombardeio que as representações construídas por várias instâncias da mídia fazem nas sociedades acaba tendo um papel pedagógico bem mais ativo que o das tradicionais instituições de ensino. (KINDEL, 2007, p. 226).

Mediante esse cenário, a intenção é ampliar junto aos professores/as a “[...] compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional de aprendizagem” (GIROUX, 2003, p. 90), bem como tensionar o senso comum de que professores/as são meros

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.236-247., Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.5914

transmissores/as de configurações de conhecimento, e que estão inseridos em dinâmicas de poder, produtores e selecionadores de significados disseminados, ‘mais’ ou ‘menos’ válidos no currículo e nas práticas que atravessam as ciências naturais e mesmo as demais áreas de conhecimento.

Contextualização

Durante uma disciplina de Ciências e Educação II foi proposto ao quinto semestre de um curso de Pedagogia diurno uma breve análise que pretendia discutir e pensar diversas representações culturais existentes em desenhos animados, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais da Ciência (KINDEL, 2007; WORTMANN, 2007).

A extensão dos Estudos Culturais para o campo da Educação em Ciência surge junto a professores e professoras que passaram a atentar aos pressupostos teóricos, processos e objetos de estudo de seus respectivos campos epistemológicos e disciplinares, tais como a Física, Química, Biologia, Educação Física, entre outras. Nesse sentido, passaram a estender seus questionamentos

[...] aos processos de constituição das representações de conceitos como corpo, saúde, natureza, usualmente limitadas às visões da medicina, da biologia, ou do esporte de ‘alto rendimento’. Temos examinado tais representações em filmes, revistas, propagandas, enciclopédias, programas educativos elaborados por fábricas, programas de prevenção de doenças conduzidos pelo Ministério da Saúde, entre outras tantas produções culturais que, mesmo sem estarem voltadas diretamente à escola, têm efeitos sobre as identidades dos sujeitos que lá estão e sobre as práticas que lá se instauram. E tem sido, então, dessa forma que temos passado a encontrar associadas a esses temas representações de raça/ etnia, gênero/sexo, nação/nacionalismo, trabalho, religiões, mitos, entre outros, que nos levaram a ver o estudo do corpo, da natureza/ambiente, da educação ambiental, da educação em ciência, da educação química, da saúde, não mais, apenas, em suas dimensões epistemológicas, educativas ou psicológicas. (WORTMANN, 2001, p. 159).

Pela facilidade com que encontramos representações de todo tipo em produções culturais, optamos em focar nos desenhos animados e o que pode vir associado a eles em suas narrativas e imagens. Realizamos a escolha de trabalhar esse material devido ao amplo e costumeiro uso de desenhos animados na educação infantil, ora como complemento a alguma ‘informação’ que se deseja passar de forma ‘prazerosa’ às crianças, ora como modo de preencher um tempo da escola com vídeos (entretenimento, portanto). Por isso, para suporte e embasamento teórico/metodológico dos encontros da disciplina foi trabalhado com os/as estudantes alguns recortes da tese de doutorado de Eunice Kindel e, em especial, o artigo “A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...” (KINDEL, 2007). Kindel analisa, em específico, desenhos animados e produções da Disney porque, conforme a autora, os desenhos:

[...] os desenhos animados utilizam-se de diversos recursos que simplificam e purificam histórias e contos infantis nos quais o ambiente natural tem sido sempre um cenário privilegiado da história. Muitas vezes, eles misturam características humanas e dos demais seres vivos, também, através da construção de sociedades de animais que repetem as dos humanos. A utilização da natureza como cenário principal e de uma variedade de seres vivos que ganham a dimensão no desenho – animais e plantas vistos como dotados de pureza e ingenuidade – acaba por tornar o discurso desse tipo de produção fílmica praticamente inquestionável. Entretanto, a transposição de características dos humanos para os cenários adiciona às histórias outras questões culturais que merecem ser examinadas – gênero, raça, etnia, identidade nacional e diferenças entre classes sociais. (KINDEL, 2007, p. 225).

Em filmes que tinha a ‘Natureza’ como plano de fundo, o objetivo da autora foi investigar de que forma os desenhos animados vêm atuando como pedagogias culturais e que identidades têm sido privilegiadas em suas representações. Visualizar seus resultados e algumas conclusões de suas análises foi o que norteou parte do aprofundamento teórico da disciplina.

Kindel (2007) destaca que nos filmes ‘Vida de Inseto’, ‘O Rei Leão’, ‘Rei Leão II’, ‘Pocahontas – o encontro de dois mundos’, ‘Tarzan’ e ‘Formiguinha Z’, há tramas discursivas que entrelaçam as representações de natureza e de alguns seres que nela habitam com as questões de gênero/sexualidade, raça, etnia/nacionalidade e classe social.

A questão da maternidade, por exemplo, esteve fortemente associada à figura feminina, e foi algo apontado nas categorias de análise de Kindel (2007). E, associada a isso, se apresenta a noção de incapacidade de liderança e facilidade das fêmeas dos filmes de abdicarem de qualquer outra questão por um amor romântico (enquanto comportamentos agressivos e capacidade de liderança são vinculadas aos personagens masculinos). Além disso, as fêmeas

[...] são sempre coadjuvantes nas conquistas alcançadas pelos grupos. A elas cabe também sempre exercerem relações de afeto, sempre estando a elas reservado ou o amor materno, ou um grande amor romântico entremeado de impossibilidades: ou seja, elas acabam se apaixonando pelo homem/macho diferente, mas que consegue salvar seu grupo ou que é capaz de mudar de atitudes (por exemplo, deixar de ser agressivo, quando se apaixonou – John Smith, em Pocahontas. Esse herói/colonizador/inglês participa da expedição com o intuito de matar índios, mas ao apaixonar-se por Pocahontas, muda suas aspirações, tornando-se, inclusive, como destaca o filme, o melhor homem que um índio poderia ter como amigo). Em Pocahontas também suaviza-se os embates e as lutas ocorridas entre esses grupos de sujeitos, ao mesmo tempo em que é encontrada uma solução pacífica para os conflitos instaurados. (KINDEL, 2007, p. 227).

Deste excerto, percebemos a representação de etnia/nação. A partir de Smith, herói da história, representante da nação inglesa (aspecto físico – corpo robusto, cabelos loiros, olhos azuis), com seu comportamento tipicamente britânico, modo correto de falar e de se portar, ele representa a civilização, o progresso, os avanços, a bravura e o espírito de aventura. Os indígenas representam os povos selvagens e primitivos, ‘caçados’ pelos colonizadores (ser ‘caçado’ era o que faziam com animais selvagens como tigres, elefantes e gorilas ou outros

mamíferos que habitavam as terras que passaram a ser por eles colonizadas). Os indígenas, no filme, não eram só ‘primitivos’ mas inferiores, e talvez até perigosos, necessitando, portanto, serem aprisionados.

Além disso, há a representação da natureza, portanto: substituição do modo de se relacionar com a natureza que seria ‘primitivo’, por outro ideal, com características tipicamente europeias: reorganização da natureza nativa, transformando-a em parques e em locais onde os humanos se sintam próximos à natureza, mas sem correr os ‘perigos’ relativos aos ambientes nativos. Ou seja, a natureza entendida como objeto do ser humano (KINDEL, 2003).

Após essas discussões em aula, que nos encaminhavam à breves desnaturalizações de clássicos desenhos da Disney, alguns pontos foram lançados para que os/as estudantes pudessem observar e nortear seu olhar quando viessem a visualizar outros desenhos animados. Essas questões também foram produzidas segundo as análises de Kindel (2007), com algumas modificações e mesmo acréscimos: 1) Que concepções e discursos sobre natureza são postas em destaque no desenho?; Há animais antropomorfizados?¹¹; Como os personagens se relacionam com o meio em que vivem, seja zona rural ou urbana?; 2) Que representações de gênero, de etnia, de corpo, de classe social, de animal, de criança, aparecem no filme?; 3) Que estereótipos são construídos para os negros, para os brancos, para os latinos, europeus, para os norte-americanos, para as mulheres, para os homens, para os(as) homossexuais, nestas produções?; 4) O Desenho Animado apresenta representações de bem e mal, civilizado e selvagem, bonito e feio, por exemplo? De que forma isso aparece (nos personagens, nas cores, nas falas)?

Foi orientado, em sala de aula, aos grupos para terem atenção às diferentes linguagens dos desenhos, que produzem significados diversos e, conseqüentemente, representações, a saber: a música e suas letras, os discursos (narrativas), além das cores usadas, vestimentas, expressões e comportamentos dos personagens.

Análise e Discussão

Iniciamos o processo de analisar algumas representações demonstradas em filmes infantis, entre eles ‘A Bela e a Fera’, ‘Valente’, ‘Enrolados’, ‘Mulan’, ‘A pequena sereia’,

¹¹Praticamente todos os desenhos reproduzem a antropomorfização, a qual, segundo Wortmann, é uma prática muito usual nas histórias destinadas a crianças pequenas. Antropomorfizar consiste em dar animação e vida à “elementos da natureza – como o vento, o fogo, as nuvens” - e até aos “produtos manufaturados de diferentes ordens – como aviões, castelos ou bonecas” (WORTMANN, 2007, p. 190). A consequência do uso desse recurso, muitas vezes, é naturalizar condutas e relações humanas e/ou banalizar e marginalizar o comportamento/modo de vida animal, em detrimento do homem.

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.236-247., Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.5914

‘Procurando Nemo’, ‘A Fuga das galinhas’, ‘Moana’ com o objetivo de perceber o que as crianças e adultos podem aprender a partir das representações naturalizadas nesses artefatos, enquanto efeitos possíveis dos mesmos em quem os assiste. Neste artigo, não expomos as análises de todos os filmes, realizando apenas alguns recortes dos/as estudantes, mais potentes, para pensar alguns significados disseminados nos desenhos.

De acordo com a análise de uma dupla de estudantes, referente ao desenho animado ‘Mulan I’ (Disney, 1998), a narrativa do filme rompe completamente um paradigma representacional estandardizado sobre ser mulher: a força e a proteção advém da figura feminina. É Mulan que, com suas estratégias e decisões cuidadosamente elaboradas, vence a guerra da China contra a invasão dos mongóis, o que não é costumeiro de encontrarmos em animações infantis (geralmente a representação naturalizada é de mulher submissa, dona de casa e, o homem, chefe do lar, protetor e detentor da força física).

Mulan, segundo as estudantes, desafia as regras e trata justamente dessa mudança de paradigma. A personagem da história vive uma crise de identidade muito intensa, de modo que nem mesmo ela consegue reconhecer seu lugar, ou que imagem ela apresenta. Talvez, não pela ausência de uma identificação com o gênero feminino de um modo binário, mas sim pelos limites impostos a ela. Ainda que saibamos que o filme procura retratar os modos de agir de uma cultura em específico, procuramos pensar em nossos debates sobre os desenhos e os efeitos possíveis dessas pedagogias culturais, a quem os significados produzidos nos filmes estão sendo endereçados. Sobre isso, um dos grupos escreveu:

Os possíveis efeitos para quem assiste esse filme é a visão de uma sociedade machista. Até as músicas trazem estereótipos de representação de gênero, as mulheres mais velhas contam para as mais novas como uma mulher deve ser. Os homens contam como o homem deve ser na guerra, que eles vão voltar honrando a família e que tinham alguém os esperando (família, mulheres e filhos). (Relato escrito das estudantes V e F).

Acrescentam, ainda, sobre a personagem Mulan,

[...] o filme reforça muitas vezes que a mulher é vista apenas como dona de casa e esposa, porém o ponto positivo disso é Mulan ultrapassar essa barreira com sua inteligência e se tornar uma guerreira. O filme nos mostra também, então, que o fato de Mulan ser uma mulher, não era algo negativo ou inferior e sim um fato decisivo para a vitória. (relato escrito das estudantes A e K).

Em nossa realidade, as turmas do curso de Pedagogia são compostas em sua maioria por mulheres, muitas delas mães que acompanham a rotina e presença das mídias na vida das crianças, bem como os efeitos que alguns desenhos produzem no campo do desejo da criança. Talvez por isso, a construção do que é ‘ser mulher’, representados nestes artefatos, se sobressaísse nas análises das estudantes.

Sobre a representação do gênero feminino, encontrada em ‘A pequena sereia’ (1989), uma estudante fez o seguinte apontamento:

O filme mostra claramente que o importante em uma mulher não é o que ela é ou o que ela fala, o que importa é a sua sensualidade, a mulher como um objeto de prazer, no sentido pejorativo mesmo. Enquanto Úrsula (uma bruxa, mulher, personagem má, gorda e ‘feia’) convence Ariel a dar-lhe a sua voz e, em troca, ela a torna uma humana, Ariel a questiona dizendo: ‘mas como vou ficar sem minha voz?’ Úrsula canta a seguinte canção: ‘O homem abomina tagarelas. Garota caladinha ele adora, se a mulher ficar falando o dia inteiro, fofocando, o homem se zanga. Diz adeus e vai embora’. Essa fala na música parece reforçar um senso comum de que a mulher não precisa ter opinião e que ela sempre será subordinada ao homem, fazendo as vontades do homem e não as dela; a mulher está em segundo plano e o homem é visto como um ser superior. Ainda na música ela salienta que ‘... Só as bem quietinhas vão casar...’, mostrando para as crianças do gênero feminino (sendo um dos endereçamentos deste filme) que não se fala nada, não se tem opinião e que o mais importante na vida é encontrar um príncipe encantado para resgatá-las e viverem ‘felizes para sempre’, sendo o maior sonho de uma mulher o casamento. (relato escrito da estudantes C).

A estudante dedicou a atenção ao desenho produzido nos anos 80 pelos estúdios da Disney atentando, como podemos ver, às letras das músicas do desenho (algo sempre muito presente nos enredos dos desenhos animados da Disney), nos enunciados dos personagens, ou seja, focando no que se ouve e no que se lê, propriamente.

No filme produzido pela Century Fox - ‘Rio: The Movie’ (2011) - tivemos uma dupla que encontrou uma série de estereótipos que afirmam representações étnicas, e também de gênero, ambos produzindo significados naturalizados sobre ‘ser’ brasileiro e ‘ser’ homem e mulher no Brasil, principalmente através da estratégia do antropomorfismo.

Os contrabandistas do filme são negros, usam brincos, tem cabelo rasta e alguns deles são considerados ‘burros’ [...] Ao chegar ao Rio de Janeiro, ‘cidade maravilhosa’, a mulher e o pássaro se assustam ao se depararem com as pessoas fantasiadas, pois chegaram na semana do carnaval, o que pode ser considerado também um estereótipo de que o Brasil, e especialmente o Rio de Janeiro, lugar em que se passa o restante do filme, só é lembrado e conhecido pelo carnaval, que tudo é festa e as pessoas passam os quatro dias fantasiadas, fazendo festa pelas ruas da cidade, e que ‘à noite todo mundo vai estar vestido assim’, como mostra no filme através da fala de Túlio, dando a ideia também de alegria em relação ao povo brasileiro nesta época do ano [...] Logo após, Blu se depara com outros dois pássaros e então pega um dicionário de português para conversar com eles e muda seu tom de voz e palavreado para iniciar a conversa, trazendo a ideia de que no Rio as pessoas tem ‘jeito de malandro’ e falam dessa maneira e linguajar. Quando Blu conta a esses pássaros que veio para conhecer ‘uma menina’, eles lhe dão um conselho: ‘Toma a iniciativa! Porque a mulher brasileira gosta de homem que se garante...’, mais uma vez trazendo as representações de gênero e etnia (relato escrito das estudantes B e D).

Encontraram também certa representação de civilizado e selvagem, juntamente à representação étnica e ambas agindo juntas, o que poderia passar despercebido, caso não atentassem para os discursos e ‘sensações’ sentidas a partir do conjunto de signos emitidos no desenho. Blue, personagem masculino principal do filme, seria a ave civilizada, e que só se

tornou civilizada porque saiu de seu país de origem (o Brasil) e sendo ‘educada’, ‘instruída’ em outro país. De acordo com as estudantes, Blue

não gosta da natureza e prefere ficar morando em uma casa, pois ao longo de sua vida adquiriu hábitos humanos, enquanto os outros animais lutam para viver na natureza pelo amor que possuem por ela. Dessa maneira, Blue, que viveu e veio de outro país é considerado mais civilizado, enquanto os outros animais que vivem na floresta do Rio de Janeiro são considerados selvagens e com hábitos grosseiros. (relato escrito das estudantes B e D).

Unindo à representação de civilizado ao estrangeiro/europeu, o cidadão brasileiro se torna aquele que se aproximaria de certo ‘primitivismo’, com costumes e comportamentos mais ‘grosseiros’.

Blue então encontra Jade, que é considerada uma arara selvagem, mal educada e com hábitos grosseiros, pois não gosta da presença dos humanos, nem de ter sido presa por um deles naquela floresta artificial e por isso quer fugir (relato escrito das estudantes B e D).

Destacamos, por último, a análise do filme ‘Meu Amigo Totoro’, escrito e dirigido por Hayao Miyazaki e produzido pelo Studio Ghibli em 1988, o qual conta a história de duas crianças (Satsuki e Mei) e suas aventuras com espíritos amigáveis da floresta no Japão. Durante nossas discussões em aula, percebemos, a partir de análises de literatura infanto-juvenil (WORTMANN, 2007) e de livros didáticos (DIAS, s.d), que os padrões associados ao ‘ser’ mulher e homem estavam de alguma forma atrelados à naturalização da figura feminina como mãe, dona de casa, responsável pelo cuidado da casa e dos filhos/as e ao pai cabia a representação de paternidade associada ao lazer dos filhos e de construção da imagem de um profissional assalariado, que sustenta o lar.

Por isso, escolhemos também mostrar a análise que outras estudantes realizaram para a representação de família encontrada no ‘Meu Amigo Totoro’:

A ideia de um pai criando duas filhas sozinha ainda é muito nova, mas aconteceu neste filme do ano de 1988, uma década onde o conservadorismo ainda era extremamente forte – entretanto ele ainda assim limpava a casa, cozinhava, com a ajuda das filhas. O personagem principal da história que nomeia o filme é Totoro, um animal místico e indefinido, que dentro do contexto apresenta um importante papel de proteção e de amizade em um momento muito difícil para as protagonistas da história, as quais têm a mãe hospitalizada e passam por alguns abalos emocionais. Durante a infância muitas crianças criam amigos imaginários, os quais fazem parte de sua construção. (relato escrito das estudantes H e I).

Para as estudantes, uma família onde há um pai que cuida das duas filhas, todos experienciando um ‘problema’ - comum a muitas crianças - que é a doença da mãe, foi o principal efeito (positivo) sob aqueles que possam vir a assistir ao filme. Ou seja, talvez o desenho animado seja uma potência para tratar configurações familiares que divergem do habitual, algo tão atual e presente nas narrativas e no cotidiano das nossas crianças, promovendo

ambientes sociais mais livres de estereótipos de gênero e sem preconceitos (GIBIM; MULLER, 2018).

Considerações finais

Durante nossas aulas, coletivamente, problematizamos que o interessante de se pensar sobre a ligação do uso dos desenhos e da nossa prática docente não era perceber se eles/as saberiam identificar todas as representações solicitadas no instrumento ofertado para análise, mas a tentativa de acompanhar os processos de naturalização de modos de ser mulher, homem, criança, negro, etc, que poderiam estar presentes nas redes discursivas dos desenhos animados.

De que forma as mulheres são representadas? E os homens? E a família (tradicional, heteronormativa?) E a natureza? Seria ela sempre representada como um lugar idílico, romantizado, com os seres humanos sendo configurados “no e pelo filme como ‘malvados’, os ‘destruidores’, os ‘consumistas’?” (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 152). Crianças são sempre representadas como mini-adultos, mimadas e desobedientes? Como são representados os negros, latinos, os brancos? Como se vestem e se comportam?

Interessava era percebermos juntos/as, enquanto os/as colegas expunham suas tentativas de análises, ainda que de maneira breve e sem conceituação/aprofundamento teórico, como isso aparecia e quais as estratégias usadas de tornar isso visível/legível. Ao debatermos sobre, dessacralizávamos desenhos tomados até então como ‘especiais’, com seus personagens ‘heróis’, mas sem criar estigmas de desenho animado ‘bom/ruim’ de serem assistidos pelas crianças.

A partir de experiências de pesquisa e formação com cinema e filmes em diferentes contextos, Belinaso e Fantin fornecem algumas pistas para compreendermos a cultura cinematográfica na escola:

Assistir ao filme antes de fazê-lo com as crianças, e se perguntar sobre as possibilidades que ele oferece em termos de narrativa ou linguagem (“o que atrai neste filme?”, “é adequado a este público de crianças?”), a fim de pensar em possíveis mediações. (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 153).

Entre rechaçar os desenhos animados (e não os usar em sala de aula) e passá-los às crianças indiscriminadamente, existe um mundo de possibilidades. A lógica predominante na escola é a do uso desses materiais na perspectiva da complementação da informação. Ademais, há relatos cada vez mais frequentes, em nossos compartilhamentos na Universidade, sobre a presença constante do uso dos desenhos animados na educação infantil, principalmente como estratégia de captura da atenção, imobilidade e confinamento extensivo do corpo. Por isso,

consideramos significativo provocar os futuros professores/as para questionarem-se sobre como podem adotar e adaptar esses artefatos em suas aulas.

Instigar a curiosidade para desenvolver uma pesquisa geográfica, econômica, antropológica sobre o lugar/região/país onde o filme se passa. Escolher alguns aspectos da cultura do local para aprofundar como motivo de troca e enriquecimento recíproco entre culturas diferentes. (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 154).

Pontuamos a possibilidade de autoria às crianças, permitindo que mudem cenas, roteiros, personagens dos filmes; que os desenhos extrapolem a si mesmos, reinventando cenários, produzindo pesquisas que explorem o artefato para além das próprias verdades que eles possam trazer. Defendemos junto as/os futuras/os professoras/es a necessidade nem de superestimar os efeitos dessas e outras produções culturais, tampouco subestimá-las. De acordo com os Estudos Culturais, esses artefatos possuem um efeito educativo, ensinam coisas às pessoas, e não exclusivamente ensinam sobre o conhecimento em Ciências Naturais, posto que está atrelado a um sistema de linguagens que privilegia representações excludentes de alguns grupos e identidades em detrimento de outros/as. Entretanto, do ponto de vista metodológico de um professor, o fundamental não é identificar o certo ou o errado dos artefatos/produções, mas buscar o modo como constituem uma “[...] rede de significações que tem efeitos sobre os sujeitos; buscar o que e como dizem tais produções sobre os conhecimentos das ciências” (SILVA, 2012, s.p.), sobre modos de ser criança, mulher, homem, negro, branco, homossexual, heterossexual, em nossa complexa e produtiva rede cultural.

Salientamos que a literatura, as propagandas, músicas, revistas, livros, desenhos animados são textos culturais os quais “operam através de uma série de práticas ideológicas e discursivas que são tanto pedagógicas quanto políticas” (GIROUX, 2003b, p. 154) e que estão envolvidos em produzir e legitimar específicas subjetividades sociais, em detrimento de outras, menos ‘desinteressantes’, ‘feias’, ‘anormais’.

Por isso, de fato, o intento dessa vivência com futuros/as pedagogos/as é ampliarmos a ideia de aplicabilidade de quaisquer dessas reflexões para atentarmos ao próprio conceito de pedagogia justaposto a alguma habilidade e usos de instrumentos para ensinar. Mais do que isso, queremos, sim, entendermo-nos como parte de uma produção cultural e, portanto, implicados num campo ético e político em educação. Podemos, assim

[...] ampliar a definição de pedagogia a fim de ir além de uma limitada ênfase no domínio de técnicas e metodologias. Isso capacitaria os/as estudantes a compreender a pedagogia como uma configuração de práticas textuais, verbais e visuais que objetivam discutir os processos através dos quais as pessoas compreendem a si próprias e as possíveis formas pelas quais elas interagem com outras pessoas em seu ambiente. (GIROUX, 2003a, p. 100).

Estamos, nesse sentido, em processos de aprender, em educação, enxergar uns/umas aos/às outros/as como entes capazes de estudar, pesquisar e desaprender sobre tantas configurações duras e naturalizadas que alimentam e emergem de nosso corpo professoral. Para tanto, há que sermos sensíveis às constantes mudanças, deslocamentos e operações de poder inscritas em nós, entre nós, dentro e fora da escola. Assim, quem sabe, abrimos portais de invenção de novas paisagens representacionais, de cenários micropolíticos de resistência, e de acolhimento em nossos gestos e linguagens com as nossas crianças.

CULTURAL STUDIES IN THE TRAINING OF TEACHERS: PROBLEMATIZING THE PEDAGOGY FROM CARTOONS

Abstract: These writings deal with a clipping about some problematizations experienced in the discipline of Science and Education given in the course of graduation in Pedagogy. It is a brief analysis that tried to think diverse cultural representations existing in cartoons, with future teachers, from the perspective of Cultural Studies. This field of thought considers that learning and producing meaning about things in the world is not limited to school space, since cultural artifacts - such as movies, advertisements, music, paintings, literary texts - teach things to children without having the same structure and intentionality of the school. According to the Cultural Studies of Science Education, these artifacts, used routinely in schools, have an educative effect, teach about the knowledge in Natural Sciences and, together with them, enunciate a series of naturalized representations, which have effects under the production of subjectivities of individuals. Between rejecting cartoons (not using them in the classroom) and passing them on to children indiscriminately, there is a world of possibilities. The predominant logic in school is the use of these materials in the perspective of complementing information, as well a strategy to capture attention, immobility and extensive confinement of the body. Therefore, we consider it significant that future teachers question how they can adopt these artifacts in their classes, since they constitute a network of meanings that 'discourse' not only on sciences but on ways of being a child, a woman, man, black, gay, white in our complex and productive cultural network.

Keywords: Teacher training. Science teaching. Cultural context.

ESTUDIOS CULTURALES EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES /AS: PROBLEMATIZANDO LA PEDAGOGÍA A PARTIR DE DIBUJOS ANIMADOS

Resumen: Estos escritos tratan de un recorte sobre algunas problemáticas vivenciadas en la disciplina de Ciencias y Educación impartida en el curso de Licenciatura en Pedagogía. Se trata de un breve análisis que buscó pensar diversas representaciones culturales existentes en dibujos animados, con futuros profesores/as, a partir de la perspectiva de los Estudios Culturales. Este campo de pensamiento considera que aprender y producir significado sobre las cosas del mundo no se limita al espacio escolar, ya que artefactos culturales -tales como películas, propagandas, músicas, pinturas, textos literarios - enseñan cosas a los niños sin que tengan la misma estructura e intencionalidad de la escuela. Conforme a los Estudios Culturales de la Educación en Ciencia, estos artefactos, usados de forma recurrente en las escuelas, poseen un efecto educativo, enseñan sobre los conocimientos en Ciencias Naturales y, junto a ellos, enuncian una serie de representaciones naturalizadas, las cuales tienen efectos bajo la producción de subjetividades de los individuos. Entre rechazar los dibujos animados (no utilizarlos en las clases) y pasarlos a los niños indiscriminadamente, existe un mundo de posibilidades. El razonamiento predominante en la escuela es el del uso de esos materiales en la perspectiva de la complementación de la información, así como estrategia de captura de la atención, inmovilidad y confinamiento extensivo del cuerpo. Por ello, consideramos significativo que los futuros profesores/as se pregunten sobre cómo pueden adoptar esos artefactos en sus clases, ya que los mismos constituyen una red de significaciones

que discutan no sólo sobre ciencias, sino sobre modos de ser niño, mujer, hombre, negro, gay, blanco en nuestra compleja y productiva red cultural.

Palabras-clave: Formación de professores. Enseñanza de ciências. Contexto cultural.

Referências

GIBIM, A. P. P. G.; MÜLLER, F. O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 76-94, maio 2018. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2018v20n37p76/36713>>.

GIROUX, H. A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2003a, p. 85-103.

GIROUX, H. A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2003a, p. 132-158.

GUIMARÃES, L. B.; FANTIN, M. O cinema e os filmes de animação em contextos formativos. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 21 n. 1, p. 141-156, mar. / jun. 2016.

KINDEL, E. A. I. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. In: M. L. C. WORTMANN et al (Orgs). **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 187-204.

KINDEL, E. A. I. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. 2003. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

WORTMANN, M. L. C. O uso do termo representação em Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. **Revista Pro-Posições**, v.12, n. 1, mar, 2001.

WORTMANN, M. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: M. L. C. WORTMANN et al (Orgs). **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 187-204.

DIAS, Z. B. **Representações de Gênero, Trabalho e Família nas imagens de livros didáticos de ciências**. S/D. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/comunica%C3%A7%C3%A3ooralzaidabarrozdias.doc.pdf>>.